



ATUALIZAÇÃO

FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES: ORIGEM SOCIAL E NATUREZA MEDIADA

SUPERIOR PSYCHOLOGICAL FUNCTIONS: SOCIAL ORIGIN AND MEDIATED NATURE

Rafaela Júlia Batista VERONEZI¹

Benito Pereira DAMASCENO²

Yvens Barbosa FERNANDES³

RESUMO

Durante muito tempo, face aos trabalhos de Piaget, colocou-se excessiva ênfase no processo de construção da consciência como um fenômeno auto-estruturante. Embora não se discorde de que a atividade do sujeito seja básica para este fim, há razões para se crer que as origens da vida consciente e do pensamento abstrato devem ser procuradas na interação do organismo com as condições de vida social, e nas formas histórico-sociais de vida da espécie humana. Os processos superiores humanos são mediados pela linguagem e estruturados não em localizações anatômicas fixas no cérebro, mas em sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis. Assim, a linguagem é instrumento do pensamento humano, uma vez que apropria conceitos e signos, e o plano da consciência não preexiste, mas se constrói e tem sua origem na vida social do homem. Nesta abordagem das funções psicológicas superiores será feita uma síntese de sua origem e natureza, com base nas descobertas atuais da Psicologia e Neuropsicologia, particularmente nas idéias de Vygotsky e Luria.

Termos de indexação: cognição; consciência; linguagem; pensamento.

¹ Mestranda, Departamento de Neurologia, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Cidade Universitária Zeferino Vaz, Caixa Postal 6111, Barão Geraldo, Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: R.J.B. VERONEZI. E-mail: <veronezi@fcm.unicamp.br>.

² Departamento de Neurologia, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil.

³ Hospital das Clínicas, Departamento de Neurologia, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil.

ABSTRACT

During a long time, in face of the studies of Piaget, too much emphasis was placed in the process of construction of the consciousness as a self-structured phenomenon. Although we do not disagree with the subject's activity being basic for this end, we have reasons to believe that the origins of the consciousness and the abstract thought must be looked in the interaction of the organism with the conditions of social life, and in the social-historic forms of activities of our species. The typically human mental processes are mediated by the language and structuralized not in fixed anatomical localizations in the brain, but in functional, dynamic and historically changeable systems. Thus, the language is an instrument of the human thought, so far as humans acquire concepts and signs. The plan of the consciousness does not preexist, but it is constructed on the basis of social-occupational interactions. In this approach of the superior psychological functions, we do a synthesis of their origin and nature, based on findings of contemporary Psychology and Neuropsychology, particularly on the ideas of Vygotsky and Luria.

Indexing terms: cognition; conscience; language; thinking.

INTRODUÇÃO

As funções psicológicas superiores (FPS), tais como a atenção, memória, imaginação, pensamento e linguagem são organizadas em sistemas funcionais, cuja finalidade é organizar adequadamente a vida mental de um indivíduo em seu meio.

Na segunda metade do século XX, houve grande repercussão das teorias de três autores - Jean Piaget, Henry Wallon e Lev Vygotsky^{1,2} -, sobre a origem das FPS, baseada no estudo aprofundado de Psicologia Infantil^{3,4}. Estes autores assumiam uma posição materialista e defendiam uma perspectiva genética.

Piaget apresentou uma tendência hiperconstrutivista em sua teoria, com ênfase no papel estruturante e nas leis de caráter universal (de origem biológica) do desenvolvimento^{5,6}. Propôs descobrir uma espécie de embriologia da inteligência, investindo nos estudos da psicogênese.

A posição de Piaget foi discutida por Wallon^{1,2}, que enfatizou a importância da vida emocional e relacional no progresso psíquico. Ele problematizou a relação entre emoção e consciência, ressaltando que a vida intelectual pressupõe a vida social⁷⁻⁹.

Vygotsky também teve contato com a obra de Piaget e, embora teça elogios a ela em muitos aspectos, também a criticou, por considerar que

Piaget não deu a devida importância à situação social e ao meio^{1,2,10,11}. Ambos os autores atribuem grande importância ao organismo ativo, mas Vygotsky destacou as contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental¹²⁻¹⁷.

Teoria sócio-histórico-cultural

De acordo com a teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky¹³, a origem das mudanças que ocorrem no homem, ao longo do seu desenvolvimento, está vinculada às interações entre o sujeito e a sociedade, a cultura e a sua história de vida, além das oportunidades e situações de aprendizagem¹⁸⁻²⁰. Para o desenvolvimento do indivíduo, as interações com os outros são, além de necessárias, fundamentais, visto que esses são portadores de mensagens da própria cultura^{15,20}. Nesta interação, o papel essencial corresponde aos signos e aos diferentes sistemas semióticos^{21,22} que, do ponto de vista genético, têm primeiro uma função de comunicação e logo uma função individual. Começam a ser utilizados como instrumentos de organização e de controle do comportamento individual²³, o que significa que as FPS não poderiam surgir e constituir-se no processo do desenvolvimento sem a contribuição construtora das interações sociais. O indivíduo integra em sua

história e em sua cultura, as de seus antepassados que se caracterizam como peças importantes na construção de seu desenvolvimento, por meio das experiências, situações, hábitos, atitudes, valores, comportamentos e linguagem daqueles com quem interage^{13,18,21}. Este não é um processo determinista, uma vez que o indivíduo participa ativamente da construção de seu círculo de interações, modificando-o e provocando transformações neste contexto.

O referencial teórico sócio-histórico-cultural compreende a relação entre sujeito e objeto no processo de construção do conhecimento, no qual o sujeito do conhecimento não é apenas passivo, regulado por forças externas que o vão moldando e nem é somente ativo, regulado por forças internas, o sujeito do conhecimento é interativo^{24,25}.

A mediação é um conceito fundamental na teoria de Vygotsky segundo Damasceno²², sendo esta a ação onde a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada por sistemas simbólicos, elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. Essa concepção liga o desenvolvimento da pessoa à sua relação com o ambiente sócio-cultural em que vive e a sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente, sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie¹⁸⁻²⁰.

A formação dos conceitos concebe que a linguagem não exerce apenas o papel de instrumento de comunicação, uma vez que esta permite ao homem formular conceitos, mas sim abstrai e generaliza a realidade, através de atividades mentais complexas^{13,21}. As crianças, desde o nascimento, estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las às suas relações e a sua cultura. A mediação dos adultos permite que os processos psicológicos mais complexos tomem forma primeiro intersubjetivamente e, em seguida, intrapsiquicamente²³, através da apropriação dos meios historicamente determinados e culturalmente organizados de operação das informações¹⁸⁻²⁰. Fala e ação, que inicialmente se desenvolvem independentes uma da outra, em determinado momento do desenvolvimento se convergem, e esse é o momento

de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência^{22,24}. No entanto, o processo não pode ser reduzido à atenção, à associação, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos. Essa capacidade de generalizar e abstrair nos liberta dos limites da experiência concreta²¹.

A idéia de síntese é fundamental para o entendimento das relações sociais e desenvolvimento da sociedade²³. A síntese dos dois elementos não é a simples soma ou justaposição desses, mas a emergência de algo novo, anteriormente inexistente. O novo não estava presente nos elementos iniciais. Foi criado pela interação entre esses elementos, num processo de transformação.

A questão do significado deve ser entendida tanto do ponto de vista semântico - componente indissociável da palavra, sem o qual esta seria um som vazio - quanto do ponto de vista psicológico - generalização ou conceito, fenômeno do pensamento^{21,24}. O caráter generalizante do significado das palavras é possível tendo-se como base as funções da linguagem que a articulam com o pensamento (funções comunicativa e representativa).

Faz-se necessário entender que o significado da palavra transforma-se ao longo do desenvolvimento do sujeito, pois evolui, uma vez que incorpora novos sentidos e conotações²². Além disso, deve-se considerar que as palavras adquirem seu sentido no contexto do discurso. Esta como instrumento do pensamento, age decisivamente na reestruturação das funções psicológicas, como ferramenta básica para a construção de conhecimento e para desenvolvimento das FPS, do mesmo modo que os instrumentos criados pelos homens modificam as formas humanas de vida¹⁸.

Diante do exposto, não é difícil visualizar que algumas idéias de Marx e Engels influenciaram os

estudos e as reflexões de Vygotsky²⁶. Seus pressupostos filosóficos e epistemológicos se enquadram na linha dialético-materialista destes dois autores, que postulam como ponto de saída e de chegada no pensamento analítico, a prática dos homens historicamente situados. Assim, pode-se dizer que Vygotsky constrói uma psicologia marxista. Para ele, o que marca o homem como uma espécie diferenciada é a formação da sociedade humana com base no trabalho. É o trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humana. É no trabalho que se desenvolvem as relações sociais e, por outro lado, a criação e utilização de instrumentos.

O instrumento é um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza¹⁸. Os animais também utilizam instrumentos, mas de forma rudimentar. Diferentemente do homem, não produzem deliberadamente instrumentos para uso futuro, não preservam sua função como conquista a ser transmitida a outros membros do grupo social. São capazes de transformar o ambiente num momento específico, mas não desenvolvem sua relação com o meio num processo histórico-cultural, como o homem.

Analogamente aos instrumentos, os signos são os meios auxiliares no campo psicológico; são os instrumentos da atividade psicológica. A idéia de que o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo supõe um processo de representação mental que substitui os objetos do mundo real^{21,24}. Os signos internalizados são os elementos que representam os objetos, eventos e situações neste plano.

A organização cerebral da atividade mental, segundo Luria²⁷, consiste em um sistema complexo que recruta três unidades funcionais principais: a) a unidade que ativa o cérebro de forma difusa e generalizada (tronco cerebral e diencefalo) e de forma específica e focal (regiões frontais médio-basais); b) a unidade que recebe, analisa e armazena os estímulos, permitindo-nos perceber o

mundo à nossa volta (região temporo-parieto-occipital); c) uma terceira unidade funcional responsável pela programação, regulação e verificação da atividade mental, inteiramente estruturada pela linguagem (lobos frontais). Desta forma, o cérebro é requisitado como um todo para desempenhar funções de alta complexidade, várias áreas funcionando harmoniosamente (sistemas funcionais)²⁸⁻³⁰. De acordo com Leontiev¹⁸, no homem, a formação destes sistemas funcionais especificamente humanos ocorre como resultado do domínio de instrumentos (meios) e operações, acrescentando que tais sistemas nada são além de operações motoras externas, e operações mentais (por exemplo, lógicas) sedimentadas e consolidadas no cérebro.

CONCLUSÃO

Sem querer desconsiderar a contribuição que diferentes teorias psicológicas trouxeram para a compreensão da construção do conhecimento, considera-se que a teoria histórico-cultural, que tem em Vygotsky e seus discípulos Luria e Leontiev, os elaboradores da matriz teórica, é o referencial que melhor agrega um suporte adequado ao desenvolvimento das FPS.

Esta matriz teórica extrapola a visão piagetiana. Tem como uma de suas proposições básicas o conceito de que o ser humano se constitui devido à sua relação com os outros. As FPS desenvolvem-se quanto à sua estrutura, conteúdo e complexidade na relação que estabelecemos com as pessoas e com a cultura. Suas origens são, portanto, de natureza social e respondem, diferentemente do que ocorre em outros animais, a estímulos criados (signos), e não apenas a estímulos dados. Estas habilidades são atividades mentais internas, organizadas em sistemas funcionais, emergindo da atividade prática, desenvolvida na sociedade humana com base no trabalho, formando-se no curso da ontogênese de cada pessoa em cada nova geração. O desenvolvimento está, pois, alicerçado sobre o plano das interações, tendo a fala inicial da criança um papel mediador fundamental. Através

de sua apropriação, a criança reconstrói internamente uma operação externa, tendo como base a linguagem.

No campo psicológico, a invenção e o uso de signos como meios auxiliares na solução de problemas é análogo à invenção e uso de instrumentos no trabalho. E, ainda, assim como novos instrumentos de trabalho ocasionam novas estruturas sociais, novos instrumentos do pensamento suscitam o aparecimento de novas estruturas cognitivas.

Deste modo, o ser humano, relacionando-se com o mundo e a coletividade onde vive, vai construindo o seu conhecimento através de uma interação mediada por diversas relações intra e interpessoais.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira MK. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial; 1992.
2. Cordeiro GS. De Piaget a Vygotsky com escala em Wallon: uma viagem possível. *Disturb Comum*. 1998; 10(1):21-38.
3. Bee H. A criança em desenvolvimento. São Paulo: Harper e Row do Brasil; 1984.
4. Rubinstein SL. Princípios de psicologia do desenvolvimento. São Paulo: EPU; 1981.
5. Piaget J. Problemas de psicologia genética. São Paulo: Abril Cultural; 1983.
6. Richmond PG. Piaget: teoria e prática. São Paulo: Ibrasa; 1981.
7. Wallon H. Do ato ao pensamento. Lisboa: Moraes Editora; 1979.
8. Wallon H. Psicologia e Educação. São Paulo: Loyola; 2000.
9. Dantas PS. Para conhecer Wallon: uma Psicologia Dialética. São Paulo: Brasiliense; 1983.
10. Ferreiro E. Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática; 1996.
11. Palangana I. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social. São Paulo: Plexus; 1994.
12. Lima ES. Vygotsky e Wallon e o futuro da Psicologia. *Interações Est Pesq Psicol*. 2000; 5(9):49-55.
13. Vygotsky LS. A Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes; 1984.
14. Vygotsky LS. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes; 1934.
15. Pino, A. O social e o cultural na obra de LS Vygotski. *Educ Soc*. 2000; 21(71):45-78.
16. Berger PL, Luckman T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes; 1985.
17. Freitas MTA. Vygotsky um século depois. Juiz de Fora: EDUFJF; 1998.
18. Leontiev AN. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Horizonte; 1978.
19. Oliveira MK. Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione; 1997.
20. Wertsch JV, Rio PD, Alvarez A. Estudos sócio-culturais da mente. Porto Alegre: ArtMed; 1998.
21. Vygotsky LS. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes; 1987.
22. Damasceno BD, Coudry MIH. Temas em neuropsicologia e neurolinguística. São Paulo: Tec Art; 1995.
23. Morato EM. Linguagem e cognição: as reflexões de LS Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: Plexus; 1996.
24. Luria AR. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas; 1987.
25. Damásio AR. O Mistério da consciência. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.
26. Bakhtin M. Marxismo e psicologia da Linguagem. São Paulo: Hucitec; 1988.
27. Luria AR. Fundamentos de neuropsicologia. São Paulo: EDUSP; 1981.
28. Luria AR. Higher cortical functions in man. New York: Basic Books; 1966.
29. Rozenthal M, Laks J, Engelhardt E. Neuropsicologia e redes neurais. *Rev Bras Neurol*. 1998; 34(5):177-80.
30. Campos A, Santos AMG, Xavier GF. A Consciência como fruto da evolução e do funcionamento do sistema nervoso. *Psicol USP*. 1997; 8(2):181-226.

Recebido para publicação em 10 de março e aceito em 30 de maio de 2005.

